ISSN: 2358-8829

DEMANDAS SUBJETIVAS DO SUJEITO IDOSO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Ellen Ferreira de Oliveira Sousa [1]
Luis Gusttavo Menezes de Sousa [2]
Samara Cavalcante Almeida [3]
Jailma Belarmino Souto [4]
Maria Lígia de Aquino Gouveia [5]

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional constitui uma realidade expressiva no cenário sócio demográfico global e brasileiro contemporâneo. Diante das transformações biológicas, sociais e psicológicas que acompanham a maturidade, emergem novas configurações institucionais voltadas ao atendimento dessa faixa etária. Dentre esses espaços, a instituição escolar voltada para a pessoa idosa surge não apenas como um caminho de inclusão sociocultural e de transmissão do conhecimento formal, mas também como um campo privilegiado para o acolhimento das manifestações subjetivas que atravessam o envelhecer (Vitalli e Menezes, 2025).

No modo de vida da contemporaneidade, marcado pelo ritmo acelerado, pela produtividade e pela exaltação da juventude e do consumo, o envelhecimento é frequentemente marginalizado. O discurso social vigente privilegia o "ter" em detrimento do "ser", reificando o sujeito e reduzindo a velhice a uma etapa de perdas, limitações e passividade. Como destaca Alberti (2011, p. 28), "o sujeito idoso é convocado a se posicionar frente a uma cultura que muitas vezes o destitui de lugar, exigindo do psiquismo um esforço singular de reinvenção diante dos ideais sociais de juventude e utilidade".

[1] Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ellen.f@aluno.uepb.edu.br;
[2] Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, luis.gusttavo@uepb.edu.br
[3] Graduanda do Curso de Psicologiada Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, cavalcante.samara@aluno.uepb.edu.br ;
[4] Professora orientadora; Doutora; Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, jaila.psy@servidor.uepb.edu.br;
[5] Professora coorientadora; Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, ligiagouveia@servidor.uepb.edu.br;

ISSN: 2358-8829

Sob a perspectiva da psicanálise Freud/lacaniana, o envelhecimento não pode ser discutido apenas a partir das transformações cronológicas e biológicas, uma vez que o sujeito permanece atravessado pelo inconsciente, pelo desejo e pelas experiências construídas ao longo de sua história. Freud (2010), ao abordar a dinâmica psíquica e os processos de elaboração das perdas, oferece elementos para refletir as repercussões subjetivas que acompanham essa etapa da vida. Em continuidade a leitura de Freud, Lacan (1998) destaca a constituição do sujeito na relação com a linguagem e com o Outro, permitindo refletir sobre os efeitos do reconhecimento social e das relações interpessoais na experiência de envelhecer. Nessa direção, Mucida (2006) contribui para analisar a singularidade desse processo, considerando que cada sujeito vivencia as transformações da velhice de acordo com sua trajetória e suas experiências.

A partir dessas contribuições, compreende-se que questões como solidão, luto, aposentadoria, finitude e perda de autonomia não devem ser analisadas isoladamente, mas considerando as relações sociais, familiares e afetivas nas quais os sujeitos estão inseridos. Nesse contexto, a instituição escolar destinada à pessoa idosa apresenta-se como um espaço de convivência, aprendizagem e construção de vínculos, possibilitando a circulação da palavra e o acolhimento de demandas que, muitas vezes, permanecem silenciadas no cotidiano. A escuta individual e coletiva, portanto, constitui uma possibilidade de reconhecimento das experiências e da singularidade dos participantes.

A partir desse panorama, o presente trabalho se justifica pela necessidade de investigar a dimensão psíquica e social do envelhecimento para além dos discursos biomédicos e pedagógicos tradicionais. Em uma sociedade que tende a silenciar a dor subjetiva associada às perdas da maturidade, faz-se fundamental analisar de que maneira o espaço escolar pode atuar como um dispositivo de escuta e acolhimento das angústias, dos desejos e das reconstruções identitárias do idoso.

O objetivo geral deste estudo consiste em discutir e analisar as demandas subjetivas trazidas pelo público usuário de uma instituição de ensino destinada a idosos localizada no município de Campina Grande-PB. Especificamente, busca-se conhecer o envelhecimento de modo singular, à luz do referencial teórico e ético da psicanálise Freud-lacaniana; avaliar as contribuições das intervenções coletivas e individuais no acolhimento de temas como luto, finitude, autonomia e solidão; e demonstrar a importância da fala e da linguagem na possibilidade de ressignificação das experiências e da implicação subjetiva do idoso.

ISSN: 2358-8829

Para alcançar esses objetivos, desenvolveu-se uma pesquisa-intervenção de natureza quali quantitativa e orientação analítico-interpretativa, fundamentada em experiências práticas realizadas na instituição, por meio de dispositivos de escuta individual e coletiva, com atendimentos pontuais e rodas de conversa semanais. Os registros das atividades foram organizados em diário de campo e analisados a partir das manifestações discursivas e dos temas recorrentes apresentados pelos participantes. As discussões evidenciaram demandas relacionadas à solidão, à aposentadoria, à perda de autonomia, ao luto, à finitude e às questões de gênero, demonstrando a importância dos espaços de convivência e escuta no acolhimento das experiências subjetivas. Conclui-se que a instituição escolar pode ultrapassar sua função pedagógica e constituir-se como um espaço de reconhecimento, pertencimento e valorização da pessoa idosa.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa-intervenção de natureza qualiquantitativa e orientação analítico-interpretativa, desenvolvida a partir das experiências práticas em campo vivenciadas em uma instituição de ensino voltada ao público idoso, localizada na cidade de Campina Grande-PB.

A metodologia pautou-se na articulação de dois dispositivos de intervenção: a escuta individual, consistindo em atendimentos de plantões de escuta, voltados ao acolhimento das queixas emergentes que exigiam maior privacidade e aprofundamento das questões singulares; e a escuta coletiva, realizada por meio de rodas de conversa em encontros semanais, com duração média de 40 a 50 minutos cada. Cada sessão contava com temas geradores, previamente definidos ou derivados das demandas trazidas pelos próprios participantes.

A dinâmica das rodas de conversa operou com a atuação de um facilitador, responsável por conduzir o grupo, e a partir da fala dos participantes, mediar as trocas discursivas para garantir a circulação da palavra, e de vários observadores, encarregados de registrar em diário de campo as falas, as expressões verbais e não verbais, os silêncios e a dinâmica relacional dos idosos.

No que tange ao tratamento do material empírico, seguiu-se o método de análise de discurso, compreendido na perspectiva de que, conforme ressalta Quinet (2009, p. 81), "o discurso recolhido em âmbito clínico ou institucional não deve ser tomado como mero

ISSN: 2358-8829

relato informativo, mas como a manifestação viva da estrutura do sujeito", e nesse sentido, há o reconhecimento de que: "os significantes revelam os pontos de gozo, as angústias e as amarras sintomáticas que o aprisionam" enquanto sujeito falante, independente da idade cronológica (Quinet, 2009, p. 81). A partir dessa premissa, procedeu-se à leitura minuciosa dos registros para identificar os núcleos significantes e os temas recorrentes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A sustentação teórico-metodológica desta atuação ancora-se no arcabouço conceitual da psicanálise de orientação Freud-lacaniana. Ao problematizar o envelhecer sob a ótica psicanalítica, opera-se um corte crítico em relação às leituras estritamente cronológicas, demográficas ou biológicas da senescência. Em contrapartida, privilegia-se a dimensão da estruturação do sujeito do inconsciente, investigando-se as singulares posições que o sujeito idoso adota frente às oscilações do desejo e à radicalidade da falta.

A metapsicologia freudiana estabelece que a economia psíquica é regida pelas formações do inconsciente, sendo permanentemente atravessada pelo caminho da pulsão, pelas amarras da linguagem e pelo conflito dinâmico entre o princípio do prazer e o princípio da realidade. Sob essa ótica, a concepção do inconsciente evidencia que o funcionamento psíquico não acompanha a cronologia do envelhecimento na mesma medida em que o corpo biológico sofre suas transformações e declínios. Conforme discute Freud (2010, p. 142) ao tratar da economia libidinal, "o investimento pulsional mantém-se ativo e busca vias de escoamento e satisfação, independentemente das contingências cronológicas ou do declínio orgânico que o corpo experimenta ao longo dos anos". Ao articular a dinâmica libidinal, o investimento pulsional preserva sua atividade e tensionamento, empenhando-se continuamente na busca por vias de escoamento e satisfação, independentemente das contingências cronológicas ou das perdas orgânicas que acometem a dimensão somática do sujeito.

Em consonância com esse fundamento, a clínica psicanalítica contemporânea voltada à velhice demonstra que o desejo do sujeito permanece ativo frente ao declínio corporal, exigindo uma escuta atenta que rompa com o isolamento e com as amarras do etarismo social (Vitalli e Menezes, 2025). Assim, a oferta de um espaço de fala na

senioridade não se configura apenas como uma intervenção de suporte, mas como uma posição ética que valida a perenidade do sujeito do inconsciente até os limites da vida.

Nesse sentido, a velhice não representa necessariamente uma interrupção dos investimentos afetivos ou da capacidade de desejar. Embora o sujeito vivencie modificações corporais e sociais, sua dimensão psíquica permanece atravessada por experiências, lembranças, conflitos e desejos construídos ao longo da vida. Assim, torna-se importante discutir que o envelhecimento não deve ser associado exclusivamente à perda de capacidades, pois o sujeito continua produzindo sentidos sobre sua existência e estabelecendo relações com o mundo.

A partir dessa compreensão, as experiências de perda que podem acompanhar a velhice merecem atenção. Em *Luto e melancolia*, Freud (2010) apresenta o luto como um processo psíquico relacionado à perda de um objeto investido afetivamente. Esse processo exige um trabalho de elaboração, no qual o sujeito precisa lidar com a ausência e com os efeitos que ela produz em sua vida. Na velhice, essas perdas podem estar relacionadas ao falecimento de pessoas próximas, às transformações corporais, à aposentadoria e às mudanças nos papéis familiares e sociais. Entretanto, cada experiência apresenta significados particulares, de acordo com a história e os investimentos afetivos de cada indivíduo.

Em continuidade ao pensamento freudiano, Jacques Lacan propôs como fundamento que o inconsciente se estrutura como uma linguagem. A linguagem opera através de cadeias significantes na qual o sujeito se articula e se esturutra Na construção lacaniana, o sujeito constitui-se na e pela relação com o Outro, logo, na dimensão da alteridade, do campo da linguagem e da cultura. É na relação com esse Outro que o sujeito constrói sua imagem corporal e seu ideal de Eu (Lacan, 1998).

Na maturidade, a imagem que o Outro devolve ao idoso adquire um papel preponderante. Em uma cultura ocidental contemporânea que prioriza a utilidade econômica e o valor do ter, o sujeito idoso é constantemente confrontado com a desvalorização de sua imagem social e com o espelhamento do declínio físico. Como pontua Mucida (2006, p. 55):

> A velhice, na cultura contemporânea, coloca o sujeito diante de um impasse profundo entre o ser e o ter. Quando o valor social do indivíduo é medido unicamente por sua capacidade produtiva e pelo que ele possui, a aposentadoria e as perdas biológicas funcionam como um corte abrupto

> que desorganiza a sua posição subjetiva, exigindo um novo arranjo psíquico com a imagem que o Outro lhe devolve.

Dessa forma, o envelhecer se dá de maneira estritamente singular. Cada idoso responde aos efeitos da passagem do tempo e às exigências do Outro de acordo com sua história significante, suas defesas psíquicas e suas formas de amar e trabalhar. O acesso à palavra e à elaboração da cadeia significante torna-se, portanto, uma possibilidade de ressignificação das perdas e de reorganização da posição desejante frente à vida.

Outro aspecto relevante para refletir a experiência do envelhecimento diz respeito à relação do sujeito com o próprio corpo. As transformações físicas podem produzir diferentes repercussões subjetivas, especialmente quando entram em conflito com a imagem que o indivíduo construiu de si ao longo de sua trajetória. Em uma sociedade que valoriza a juventude como ideal de beleza e produtividade, o corpo envelhecido pode ser associado à incapacidade, à dependência e à perda de valor social. Entretanto, essas representações não determinam necessariamente a maneira como cada pessoa vivencia sua própria velhice.

A partir das contribuições de Lacan (1998), pode-se compreender que a imagem corporal não se constitui de maneira isolada, mas também é atravessada pelo olhar e pelo reconhecimento do Outro. Assim, a forma como a pessoa idosa é percebida socialmente pode influenciar sua relação consigo mesma, principalmente quando os discursos sociais reforçam estigmas e desconsideram suas potencialidades. Nesse contexto, torna-se necessário reconhecer que as transformações corporais não anulam a subjetividade nem as possibilidades de participação social.

Mucida (2006), ao discutir a relação entre psicanálise e velhice, contribui para a reflexão que o envelhecimento não apresenta uma configuração homogênea. Cada sujeito vivencia as mudanças decorrentes da passagem do tempo de acordo com sua história, suas experiências e suas formas de estabelecer relações. A autora permite refletir sobre como as perdas e as transformações podem produzir diferentes efeitos subjetivos, não sendo possível estabelecer uma única maneira de envelhecer.

Essa compreensão também permite analisar as repercussões da aposentadoria na vida dos idosos. Em uma sociedade que associa o reconhecimento social à capacidade produtiva, o afastamento do trabalho pode provocar mudanças na rotina, nas relações interpessoais e na percepção que o sujeito possui de si. Para alguns sujeitos, esse momento

ISSN: 2358-8829

pode representar uma ruptura com uma posição social anteriormente ocupada, enquanto para outros pode significar a possibilidade de construir novas experiências e dedicar-se a atividades antes limitadas pela rotina profissional. Portanto, os efeitos da aposentadoria dependem dos sentidos atribuídos ao trabalho e da trajetória singular de cada sujeito.

Além disso, as relações familiares e os papéis sociais desempenhados ao longo da vida também influenciam a experiência do envelhecimento. As expectativas construídas em torno do cuidado, da responsabilidade familiar e da autonomia podem produzir diferentes formas de sofrimento, especialmente quando o sujeito passa a ocupar uma posição de dependência ou quando suas decisões deixam de ser consideradas no ambiente familiar. Nesse sentido, é importante reconhecer a pessoa idosa como sujeito capaz de expressar desejos, opiniões e necessidades, evitando práticas que desconsiderem sua autonomia.

A escuta ocupa um lugar central na prática psicanalítica, pois possibilita que o sujeito encontre condições para expressar suas experiências, conflitos e angústias. Nessa perspectiva, a fala não deve ser compreendida apenas como transmissão de informações, mas como uma possibilidade de elaboração e construção de sentidos. Quinet (2009), ao discutir as condições da análise, contribui para a reflexão sobre a importância da escuta e da posição daquele que escuta diante do discurso do sujeito.

No contexto institucional, essa perspectiva permite compreender a relevância de espaços que favoreçam a circulação da palavra e o reconhecimento das experiências dos idosos. A escuta individual possibilita maior privacidade para a expressão de determinadas demandas, enquanto as rodas de conversa favorecem o compartilhamento de vivências e a construção de vínculos entre os participantes. Embora apresentem características distintas, ambos os dispositivos podem contribuir para o acolhimento das manifestações subjetivas.

A solidão, por exemplo, não está necessariamente relacionada apenas à ausência física de outras pessoas. O indivíduo pode estar inserido em um ambiente familiar e, ainda assim, experimentar sentimentos de invisibilidade e falta de reconhecimento. Quando suas experiências deixam de ser consideradas ou sua palavra não encontra espaço nas relações cotidianas, podem surgir sentimentos de isolamento e desvalorização. Nesse sentido, os espaços coletivos de convivência podem favorecer a construção de relações nas quais os idosos encontrem possibilidades de expressão e reconhecimento.

ISSN: 2358-8829

As rodas de conversa também permitem que os participantes compartilhem experiências relacionadas ao luto, à família, à aposentadoria e às transformações vivenciadas ao longo da vida. Ao perceberem que outras pessoas apresentam angústias semelhantes, podem estabelecer relações de identificação e pertencimento. Isso não significa que os sofrimentos sejam iguais ou que desapareçam a partir do compartilhamento, mas demonstra a importância da convivência e da circulação da palavra na construção de vínculos sociais.

Outro ponto que merece atenção refere-se às questões de gênero que atravessam o envelhecimento. As trajetórias de homens e mulheres são marcadas por diferentes expectativas sociais, principalmente no que diz respeito ao trabalho e às responsabilidades de cuidado. Mulheres idosas que dedicaram grande parte de suas vidas às atividades domésticas e ao cuidado de familiares podem apresentar dificuldades para reconhecer suas próprias necessidades e desejos, especialmente quando suas experiências foram historicamente organizadas em torno das demandas de outras pessoas.

Dessa maneira, a compreensão das demandas subjetivas da pessoa idosa exige considerar não apenas sua história individual, mas também os contextos sociais e culturais que atravessam sua existência. As experiências de sofrimento não estão desvinculadas das relações familiares, das condições de vida e dos lugares socialmente atribuídos aos indivíduos.

Nesse cenário, a instituição escolar destinada à pessoa idosa pode representar um espaço significativo de convivência, aprendizagem e fortalecimento da autonomia. Ao possibilitar a participação em atividades educativas e coletivas, a escola favorece a construção de novos vínculos e experiências, contribuindo para que os participantes ocupem uma posição ativa em seu processo de envelhecimento.

Portanto, a articulação entre as contribuições de Freud, Lacan, e autores contemporâneos da psicanálise, permite legitimar que o sujeito idoso permanece atravessado pelo desejo, pela linguagem e por sua história. A escuta das demandas subjetivas, nesse contexto, representa uma possibilidade de reconhecimento da singularidade dos participantes e de valorização de suas experiências, reafirmando a importância de espaços institucionais que favoreçam a expressão, a autonomia e o pertencimento social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISSN: 2358-8829

A análise das expressões verbais e das manifestações discursivas coletadas ao longo dos encontros semanais na instituição de ensino para idosos em Campina Grande-PB revelou a densidade, a complexidade e a urgência das demandas subjetivas que circulam por esse espaço educativo. Ficou evidente que a escola de idosos transcende amplamente sua função pedagógica tradicional de transmissão de conteúdos formais, configurando-se como um território singular de laço social e de acolhimento psíquico. Conforme aponta Alberti (2011, p. 45), "quando o idoso encontra um lugar de escuta institucional legitimado, a palavra deixa de ser apenas um instrumento de comunicação social e passa a funcionar como via de elaboração das feridas narcísicas impostas pelo tempo e pela cultura".

Dentre os núcleos de significantes e temas recorrentes que emergiram nas falas dos participantes, destacou-se com expressiva intensidade o problema da solidão e do isolamento. Nas rodas de conversa, diversos estudantes idosos relataram o peso do silêncio no cotidiano doméstico, especialmente durante os períodos em que os demais membros da família se ausentam para o trabalho ou para os afazeres cotidianos. Um dos participantes traduziu essa vivência ao expressar que "o silêncio da casa vazia durante o dia sufoca, parece que a gente vai deixando de existir aos poucos para os outros". Esse sentimento de invisibilidade ilustra de forma contundente os efeitos da desinvestida social que acomete a velhice contemporânea, na qual o idoso frequentemente se depara com o esvaziamento de seus papéis tradicionais de referência familiar.

Outro eixo temático de extrema relevância diz respeito à aposentadoria e à perda de autonomia. A transição para a inatividade laboral foi reiteradamente apontada como um momento crítico de desestruturação subjetiva. Em uma sociedade pautada pelo imperativo do ter e da produtividade, a interrupção do trabalho formal gera uma fratura na identidade do sujeito. Conforme debate Mucida (2006, p. 78), "a perda do trabalho não representa apenas a supressão de uma renda financeira, mas a destituição da máscara social que garantia ao sujeito o seu reconhecimento perante o Outro, confrontando-o com a angústia de não se saber mais quem é". Nas falas coletadas, essa angústia aparecia sob a forma de queixas sobre a inutilidade e a perda de espaço decisório no próprio núcleo familiar, dilemas que puderam ser ressignificados à medida que o espaço escolar ofereceu um novo lugar de pertencimento e produtividade intelectual e relacional.

A temática do luto e da finitude também ocupou um espaço central nas discussões coletivas. O envelhecimento confronta o sujeito de maneira implacável com a realidade

ISSN: 2358-8829

da morte, seja a morte de cônjuges, de amigos de longa data ou a perda gradativa da vitalidade e das funções do próprio corpo. O ato de nomear essas perdas nas rodas de conversa permitiu romper com o isolamento do sofrimento privado. A respeito da elaboração dessas vivências traumáticas, Freud (2010, p. 150) ressalta que "o trabalho do luto consiste em retirar paulatinamente a libido ligada aos objetos perdidos, permitindo, mediante um doloroso esforço psíquico, que o sujeito possa futuramente reinvestir sua energia vital em novas direções". A escuta institucional e coletiva viabilizou exatamente esse movimento, propiciando que o idoso pudesse enquadrar a finitude não como um ponto final absoluto, mas como parte constituinte e inevitável da condição humana.

Ademais, as questões relativas à saúde mental e aos papéis de gênero revelaram nuances profundas no público atendido, sobressaindo-se o esgotamento físico e psíquico decorrente de demandas históricas de cuidado familiar atribuídas especialmente às mulheres idosas. Expressões como "a vida inteira cuidei de todos e nunca pude cuidar de mim" ecoaram no grupo, revelando o peso de exigências sociais introjetadas ao longo de décadas. O dispositivo da escuta operou, nesse contexto, como um catalisador de emancipação subjetiva. Como bem fundamenta Quinet (2009, p. 112), "o sujeito que se escuta a si mesmo na presença do Outro social desfaz as amarras de seu sintoma e alcança a possibilidade de reescrever sua posição diante das injunções da família e da cultura".

A partir da articulação entre a teoria psicanalítica e a prática de campo, constatou-se que o ato de verbalizar o sofrimento gera um efeito terapêutico e emancipatório imediato. Quando o idoso enuncia sua queixa no coletivo e percebe que seus pares compartilham de angústias semelhantes, opera-se uma mudança na sua posição psíquica: ele deixa de se enxergar exclusivamente como vítima passiva das intempéries da velhice e passa a se reconhecer como sujeito implicado em sua própria história e em seus processos de escolha.

Em suma, os resultados evidenciaram que a linguagem exerce um impacto profundamente transformador na realidade psíquica de cada participante. A escola de idosos, ao garantir um ambiente de escuta ética e sensível, atua como um sustentáculo da cadeia significante desses sujeitos. Esse processo dinâmico incentiva a busca ativa por redes de apoio interpessoal — tanto no ambiente acadêmico quanto fora dele — e capacita o idoso a ressignificar suas dores, reestruturar sua autoestima e recuperar o vigor de seu desejo de viver e aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho permitiu evidenciar que a velhice é um processo marcado pela heterogeneidade e pela singularidade. Longe de ser uma etapa homogênea de declínio, a maturidade constitui um tempo de intensas reorganizações psíquicas, nas quais o sujeito precisa lidar com as transformações corporais, sociais e relacionais em face do Outro.

A experiência realizada na instituição de ensino ao idoso em Campina Grande-PB demonstrou a relevância estratégica da escola como um espaço que vai muito além da formação intelectual. O ambiente escolar revelou-se um verdadeiro dispositivo de saúde mental e promoção da autonomia ao oferecer escuta qualificada e abrir margem para a circulação da palavra.

Através dos dispositivos de escuta individual e das rodas de conversa, foi possível acolher demandas profundas relativas ao luto, à aposentadoria, às questões de gênero e ao isolamento. Os resultados demonstraram que o resgate da palavra possibilita ao idoso elaborar suas dores, ressignificar suas vivências e reinvestir suas energias no campo do desejo. Reitera-se, assim, a necessidade da presença contínua de estratégias de acolhimento subjetivo orientadas pela ética da psicanálise em espaços de convivência e educação destinados à pessoa idosa.

Palavras-chave: EDUCAÇÃO NA MATURIDADE, ESCUTA PSICANALÍTICA, SOFRIMENTO PSÍQUICO.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Silvia Leonor. O tempo, a escuta, o feminino. **São Paulo: Casa do Psicólogo**, 2011.

ALBERTI, Sonia. **Esse sujeito idoso.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia (1917 [1915]).** In: Obras completas, volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964).** Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964).** Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, Jacques. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MUCIDA, Angela. **O sujeito que envelhece: psicanálise e velhice.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MUCIDA, Â. Direção do tratamento na clínica com idosos. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano** (RBCEH), v. 12, n. 3, p. 245-255, 2015. DOI: https://doi.org/10.5335/rbceh.v12i3.6084.

QUINET, Antonio**. As 4+1 condições da análise**. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

VITALLI, Juliana dos Santos; MENEZES, Lucianne Sant'Anna de. Para além do tempo: a potência da clínica psicanalítica com idosos. Letras & Letras, Uberlândia, v. 41, e04108, p. 1-22, 2025. DOI: https://doi.org. Disponível em: https://ufu.br. Acesso em: 2 nov. 2026.